

A Mídia e sua Relação com a Formação de Opiniões Sobre o Sistema Único de Saúde

The Media and Its Relationship with the Formation of Opinion on the Brazilian Healthcare System

JANAÍNE CHIARA OLIVEIRA MORAES¹
CYNARA RODRIGUES CARNEIRO²
HANDERSON RAPHAEL FERNANDES VALE DA CRUZ³
ILUSKA PINTO DA COSTA¹
MÔNICA RAFAELA DE ALMEIDA⁴

RESUMO

Objetivo: investigar a relação da mídia na formação de opiniões sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), identificando se as informações passadas pela mídia à população contribuem para formação de opiniões negativas ou positivas acerca desse sistema. **Material e Métodos:** trata-se de um estudo quantitativo, realizado em duas unidades básicas de saúde com 100 usuários, escolhidos de forma não-probabilística acidental, sendo utilizado para a coleta de dados um questionário de entrevista, de elaboração própria, contendo perguntas objetivas referentes ao delineamento da amostra e à temática proposta. **Resultados:** 91,1% dos participantes consideram que os meios de comunicação contribuem para a formação de opiniões acerca do SUS; 88,9% associam os informes veiculados a uma realidade que é tida como nacional e mais da metade das pessoas (58,9%) acreditam que a mídia tende a direcionar a sociedade para que esta fique em dúvida com relação à qualidade do SUS. **Conclusão:** observa-se que a mídia detém o poder de moldar com suas matérias, a visão dos telespectadores sobre determinados assuntos, estendendo-se essa influência a todas as classes e níveis socioeconômicos. Com relação ao SUS, as imagens passadas pelos meios comunicativos incitam a críticas pessimistas frequentes e isso, não obstante, compromete a efetivação do sistema enquanto esfera de participação social.

DESCRIPTORIOS

Meios de Comunicação. Opinião Pública. Sistema Único de Saúde.

ABSTRACT

Objective: To investigate the role of the media in forming opinion on the Brazilian Healthcare System (SUS), and to identify whether the information streamed through the media has contributed to the formation of negative or positive opinions about the SUS. **Methods:** This was a quantitative study carried out in two primary care units with 100 individuals, selected by random non-probabilistic sampling. The data were collected using an interview questionnaire with objective questions related to sample profile and to the proposed topic. **Results:** 91.1% of the respondents considered that the media contributes to the formation of opinions about the SUS; 88.9% of them associate the streamed reports to the national reality; and more than half the sample (58.9%) believe that the media tends to misdirect the society in such a way to doubt the quality of the SUS. **Conclusion:** The media has the power to shape viewer's opinions with their reports on certain subjects, extending this influence to all classes and socioeconomic levels. As to the SUS, the big picture transmitted by the main stream incites frequent pessimistic criticism, which compromises the effectiveness of the system as a sphere of social participation.

DESCRIPTORS

Communications Media. Public Opinion. Unified Health System.

1 Docente Mestre da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

2 Docente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

3 Médico Residente em Ortopedia pelo Hospital da Restauração, Recife, Pernambuco, Brasil.

4 Psicóloga da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil.

O Brasil é um país em desenvolvimento que, ao longo de séculos, vem buscando a organização de seus sistemas econômico, educacional e de saúde. Constituído por uma unidade territorial privilegiada, vê-se frente ao desafio de estruturar-se e organizar-se para a melhor utilização de seus recursos e com isto garantir qualidade de vida à sua população¹. Nessa perspectiva, a saúde foi e continua sendo assunto de intensos debates e constantes movimentos que incitaram a reformulação de novos conceitos sociais e a transformação do sistema assistencial de saúde no país.

Até a promulgação da Constituição Federal (CF) em 1988, a saúde não era reconhecida como um direito de todos. O Governo restringia a sua atuação em ações de saneamento nas grandes cidades, portos e aeroportos. Neste sentido, não sendo a saúde alvo de políticas públicas, restava às pessoas a responsabilidade de sua própria saúde².

Contudo, as inúmeras mudanças políticas e econômicas que ocorreram no Brasil durante as décadas de 1950 a 1970, impulsionaram novas discussões no setor saúde. Com a reabertura política e a participação de novos atores sociais, o modelo médico-hospitalar vigente passou a ser questionado. Esta situação e a desarticulação dos serviços de saúde começaram a gerar na sociedade um movimento em direção à transformação dos paradigmas do sistema de saúde. Todo esse movimento, chamado de Reforma Sanitária brasileira, teve como resultado efetivo, a VIII Conferência Nacional de Saúde, realizada em março de 1986³. Esta por sua vez, reuniu uma gama diversificada de representantes sociais de todo o país e possibilitou a ampla legitimação dos princípios e da doutrina da Reforma Sanitária. Como consequência desse fortalecimento político, tais princípios foram incorporados ao texto constitucional de 1988⁴.

Em vista disso, propôs-se a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) que pode ser considerada a carta fundadora de uma nova ordem social no contexto da saúde⁵, passando esta a ter seu conceito ampliado para muito além da ausência de doença, tornando-se em sua totalidade a exímia cidadania, garantida a todos os brasileiros⁶. Sendo assim, por se tratar de um sistema público e gratuito construído sob alicerces de movimentos e reivindicações populares para melhoria da saúde coletiva e individual, o SUS tem sido alvo de inúmeras críticas e os meios de comunicação realizam esta prática com muita frequência^{7,8}.

A mídia pode ser definida como o conjunto dos meios de comunicação (jornais, revistas, rádio, televisão, entre outros) para alcançar as massas com fins de propaganda. Deste modo, por ser um forte veículo de divulgação e integração do cidadão à sociedade, a

mídia tem o poder de transmitir informações que muitas vezes são incontestadas, concretizando na população uma percepção irredutível e por vezes prejudicada de determinados assuntos⁹.

No tocante ao SUS, os meios de comunicação mostram uma frágil realidade da saúde no Brasil, que de fato não pode ser desmentida. Entretanto, a constância de críticas negativas a respeito do SUS, talvez possa estar contribuindo para a formação de uma imagem de insucesso do mesmo. A predileção da mídia em demonstrar falhas no sistema vigente, que causam choque e comoção geral, de certa forma, tem a capacidade de influenciar para que os serviços públicos de saúde sejam vistos apenas sob uma única ótica, “a não-resolutiva”, “a defeituosa”, “a deficiente”⁷.

Assim, o indiscutível controle dos meios comunicativos sobre as notícias transmitidas configura-se num importante instrumento, não somente de informação, mas também de construção de opiniões e/ou da persuasão destas¹⁰. Dessa maneira, torna-se pertinente questionar: qual será a relação entre os informes jornalísticos e a formação de opiniões sobre o SUS? Até que ponto estas propagandas podem estar contribuindo para a construção de uma visão crítica sobre a saúde pública no país? Em vista dessa problemática, o presente trabalho teve como objetivo investigar a relação da mídia na formação de opiniões sobre o Sistema Único de Saúde, identificando se as informações passadas pela mídia à população contribuem para formação de opiniões negativas ou positivas acerca desse sistema.

MATERIALE MÉTODOS

Trata-se de um estudo exploratório com abordagem quantitativa, realizado em duas Unidades Básicas de Saúde (UBS): a UBS Simão de Oliveira (SO) situada no Centro da cidade e a UBS Amélio Estrela Dantas Cartaxo (AEDC) na Zona Sul, ambas na cidade de Cajazeiras – PB. Optou-se por preestabelecer estas unidades por sua localização em comunidades de níveis sócioeconômicos distintos, no intuito de vislumbrar a opinião dos pólos extremos dos usuários do SUS. A pesquisa constou com a participação de 100 (cem) usuários, escolhidos de forma não-probabilística acidental. Para as duas unidades foi considerado um número igual de participantes (50 em cada recinto).

Foram utilizados como critérios para inclusão na pesquisa, ser usuário dos serviços do SUS e ter idade maior ou igual a 18 anos. Foram excluídos gestores e profissionais de saúde, por acreditar que estes tomem o

estudo numa ótica política e profissional, não fornecendo respostas fidedignas.

Como instrumento de coleta foi utilizado um questionário de entrevista, de elaboração própria, contendo perguntas objetivas referentes ao delineamento da amostra e à temática proposta. Os dados obtidos foram apurados manualmente, agrupados a partir dos dados primários, em seguida, organizados em tabelas e gráficos construídos com auxílio do programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) em sua versão 15.0 e posteriormente analisados através de estatística descritiva.

A pesquisa foi realizada de acordo com a Resolução 196/96 do Código de Ética em Pesquisa com seres humanos - que garante aos participantes total anonimato e a liberdade de recusa ou retirada do seu consentimento em qualquer fase da pesquisa. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Santa Maria/Cajazeiras - PB, sob protocolo de número 597102010.

RESULTADOS

A caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa ocorreu através do levantamento de dados sociodemográficos, sendo estes considerados relevantes para a identificação do tipo da população estudada. A Tabela 1 refere-se à caracterização dos participantes quanto à idade e gênero, distinguidas por unidade de saúde.

A Tabela 2 apresenta o grau de escolaridade e a renda mensal em salários mínimos da população de ambas as unidades de saúde pesquisadas.

O primeiro questionamento feito aos participantes foi se eles acham que os meios de comunicação mostram mais fatos que transmitem uma imagem de fracasso ou de sucesso da saúde brasileira, sendo as respostas expressas na Figura 1.

A Figura 2 aborda sobre os destaques da mídia nas suas reportagens acerca da saúde. Quando comparados individualmente, o número de pessoas que

Tabela 1 - Caracterização dos sujeitos do estudo quanto à idade e gênero. Cajazeiras – PB. Brasil. 2010.

Variáveis	UBS SIMÃO DE OLIVEIRA		UBS AMÉLIO E. D. CARTAXO	
	N	%	N	%
Idade				
18 – 30	21	46,7	10	22,2
31 – 42	6	13,3	17	37,8
43 – 59	11	24,4	15	33,3
Mais de 60	7	15,6	3	6,7
Gênero				
Feminino	29	64,4	34	75,6
Masculino	16	35,6	11	24,4

Fonte: pesquisa empírica, 2010.

Tabela 2 - Caracterização dos sujeitos quanto ao grau de escolaridade e renda mensal em salários mínimos. Cajazeiras – PB. Brasil. 2010.

Variável	UBS SIMÃO DE OLIVEIRA		UBS AMÉLIO E. D. CARTAXO	
	Nº	%	Nº	%
Escolaridade				
Analfabeto	3	6,7	2	4,4
1º grau incompleto	8	17,8	20	44,4
1º grau completo	1	2,2	2	4,4
2º grau incompleto	8	17,8	4	8,9
2º grau completo	10	22,2	13	28,9
Ensino superior	15	33,3	4	8,9
Renda mensal				
Menos de 1 salário	9	20,0	9	20,0
1 salário	13	28,9	22	48,9
De 1 a 3 salários	19	42,2	14	31,1
Mais de 3 salários	4	8,9	-	-

Fonte: pesquisa empírica, 2010.

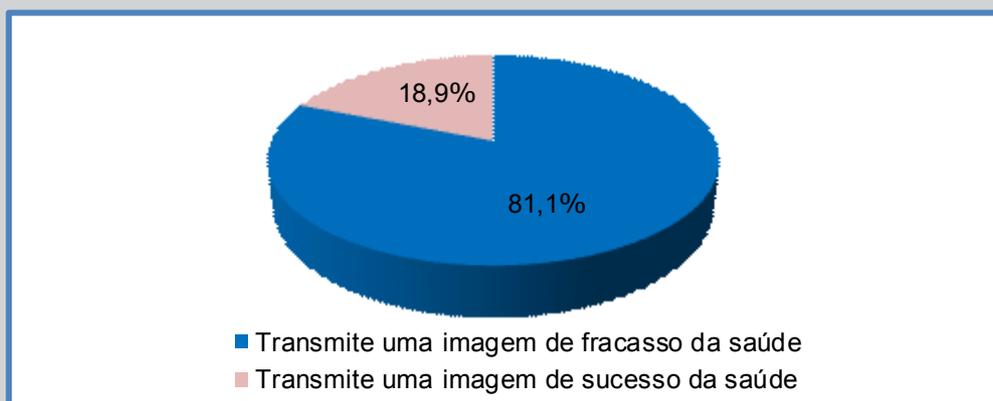


Figura 1 - Imagem da saúde brasileira transmitida pelos meios de comunicação, segundo os participantes. Cajazeiras – PB. Brasil. 2010.

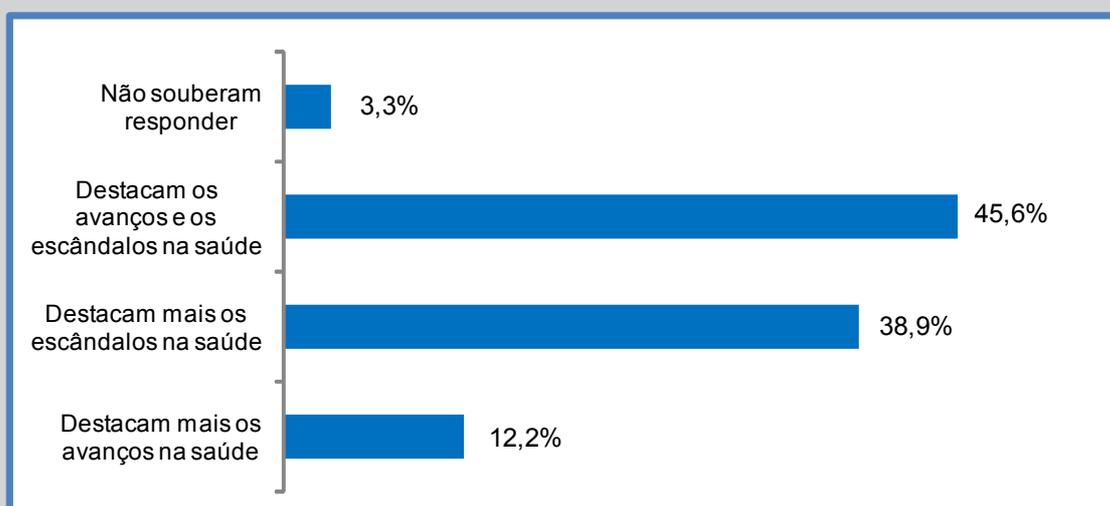


Figura 2 - Reportagens sobre saúde destacadas pela mídia, segundo os participantes. Cajazeiras – PB. Brasil. 2010.

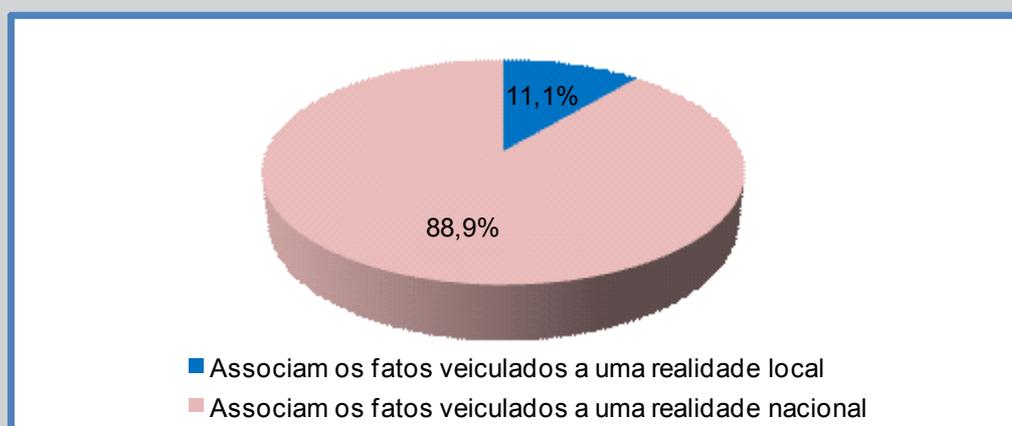


Figura 3 - Realidade da saúde percebida pelos usuários diante das informações transmitidas pela mídia. Cajazeiras – PB. Brasil. 2010.



Figura 4 - Influência da mídia na construção da opinião popular sobre o SUS, segundo os participantes. Cajazeiras – PB. Brasil. 2010..

Tabela 3 - Direcionamento dado pela mídia à população sobre o SUS, segundo os participantes. Cajazeiras – PB. Brasil. 2010.

Resposta dos usuários	Nº	%
Direciona para uma visão positiva a respeito do SUS	18	20,0
Direciona para que se tenham dúvidas com relação à qualidade do SUS	53	58,9
Direciona para uma visão negativa sobre o SUS	19	21,1
TOTAL	90	100,0

Fonte: pesquisa empírica, 2010.

considerou serem mais destacadas as reportagens escandalosas, há uma diferença significativa sobre os que acreditam serem mais divulgados os avanços na saúde, demonstrando que os meios de comunicação tendem ao sensacionalismo.

A Figura 3 revela a visão do usuário quando este assiste, lê ou escuta situações de falta de zelo à saúde do brasileiro, no que diz respeito a ele associar esta situação a uma realidade apenas local ou generalizá-la a nível nacional.

A Figura 4 apresenta a opinião dos participantes sobre a influência da mídia na formação de uma visão acerca do SUS.

A Tabela 3 aponta como os usuários veem o direcionamento dado pela mídia à população no que se refere às reportagens e notícias transmitidas.

DISCUSSÃO

No que se refere à caracterização da amostra, em ambas as populações do estudo houve uma

predominância da faixa-etária de adultos, com uma prevalência do sexo feminino sobre o masculino. Além disto, os participantes atendidos na unidade de saúde localizada no centro da cidade caracterizam-se por um nível econômico mais elevado e um grau de escolaridade maior. Ao contrário desta, a população atendida na zona sul apresenta condições econômicas mais limitadas, constando-se no geral de uma população semialfabetizada.

Mesmo com as diferenças socioeconômicas observadas nas duas populações estudadas, as respostas não apresentaram discrepâncias. Apesar da diversidade entre a escolaridade e o nível econômico predominante nas duas localidades, as informações veiculadas pela mídia foram tomadas como um fator relevante para a formação de opiniões sobre o SUS. Neste caso, o nível educacional e a classe social parecem pouco ter contribuído para o questionamento sobre a veracidade e magnitude das informações transmitidas.

A amostra estudada considera que a mídia tende a influenciar significativamente, de maneira clara ou não, a formação da opinião das pessoas acerca do

Sistema Único de Saúde (Figuras 1, 2 e 3 e Tabela 3). Ressalta-se também, que os meios de comunicação buscam chamar a atenção do público com suas reportagens, porém, muitas vezes, estes fazem uso de matérias sensacionalistas que dão ênfase a desgraças e sofrimento, conforme os resultados apresentados na Figura 2. No que se refere à saúde, há uma grande predileção destes meios em demonstrar a fragilidade do SUS. Será que as informações passadas pela mídia traduzem de fato a realidade da saúde brasileira? Ou será que estas acabam apenas por inculcar uma inverdade na concepção das pessoas?

As principais imagens e informações publicamente divulgadas pela mídia sobre o SUS são mais comumente associadas às mazelas e dificuldades do setor, quase sempre a partir de uma suposta ineficiência do Estado, incompetência das autoridades ou dos profissionais da área, levando à construção de uma ordem simbólica pouco reflexiva sobre o campo da política de saúde representada pelo SUS. É de se supor que a constância de reportagens desagradáveis, que tendem a destacar a precariedade na saúde pública, acaba por reforçar a idéia de um sistema falido e defeituoso^{11, 12}.

Para alguns autores, o caráter comercial da informação é preponderante no que se refere aos veículos de comunicação brasileiros. Ao optar entre interesse e importância, aquele se sobrepõe, abrindo espaço na divulgação da informação, para interesses particulares, e, conseqüentemente, para o sensacionalismo. Opta-se, então, pela confusão entre informação e entretenimento, exaltando-se os aspectos engraçados, dramáticos e de aparente conflito. Na prática, quanto mais negativo nas suas conseqüências é um acontecimento, mais probabilidade tem de se transformar em notícia. Assim, o poder de escolha dos meios de comunicação, muitas vezes, beneficia ou desfavorece pessoas ou grupos. No âmbito do SUS, o papel da mídia tem se revelado pouco esclarecido perante a sociedade, já que ora a saúde é ressaltada ora é escandalizada pelas matérias midiáticas¹².

O controle da mídia sobre o processo comunicativo exerce, sem sombra de dúvidas, uma indiscutível persuasão sobre os telespectadores. A transmissão vertical das informações impede as pessoas de enxergarem além do que é divulgado. O consumidor que lê um jornal ou assiste a um noticiário não tem como

verificar se essa notícia realmente aconteceu. Ele confia no jornal ou no noticiário. Esta incapacidade de comprovação dá espaço para que possam ocorrer informações distorcidas, apenas para o aumento da audiência e que, a certo ponto, tem o poder de moldar a opinião pública¹³.

Diante dessa realidade, o SUS vem perdendo a batalha da comunicação com seus usuários. Os avanços inegáveis, alcançados em sua curta existência, são amortecidos por significações de senso comum, assumidas pela mídia e verberadas como o fracasso da saúde pública. Em geral, o nível de conhecimento da população acerca do SUS é muito pequeno e dessa forma, associado à contribuição dos meios de comunicação, vai se construindo na sociedade um sentimento difuso sobre a saúde, sem a contrapartida de um esclarecimento sobre o muito que tem sido feito para melhoria da saúde no país¹⁴.

Fora e dentro do aparato do Estado, a mídia, na sua maioria, se mostra mais preocupada em reproduzir os desvios do SUS do que as mudanças substantivas que ele pode provocar no cenário social. Em conseqüência, rotineiramente, os escândalos de impacto como, a morte nas filas de atendimento, a corrupção desenfreada, o mau atendimento, o desdém dos funcionários públicos e dos profissionais da saúde em relação aos usuários, entre outras coisas passam a determinar a agenda midiática. Ao deixar de melhor informar sobre a visibilidade obtida pelo SUS, a mídia torna-o politicamente frágil no contexto das lutas sociais e ideológicas que marcam o país na atual conjuntura^{8, 13}.

Outro aspecto relevante apontado com o estudo, refere-se à generalização dos fatos que demonstram precariedade na saúde e sua associação a uma condição de âmbito nacional. A enorme integralização das informações transmitidas pelos meios de comunicação, onde todo país permanece interligado através de suas lentes, elucida a visão de que todos os acontecimentos de um determinado local refletem a realidade de um país inteiro. A idéia de que há uma forte tendência das pessoas generalizarem as situações desagradáveis veiculadas pelos meios de comunicação com relação à saúde, pode ser reafirmada, consolidando mais uma vez a falta de criticidade acerca das notícias passadas pela mídia¹⁰.

Submetendo-se acriticamente às indistintas imagens repassadas, boa parte do público considera-

nas uma expressão inquestionável do real, ignorando as mediações e camuflagens que tornaram possível sua construção. Falta a uma parcela da população, referências culturais e informativas que tornem possível entender a ordem simulativa necessária à construção do discurso jornalístico. E não podemos esquecer que a maneira como as informações são publicamente apresentadas nem sempre contribuem para que essas pessoas tenham um discernimento crítico sobre os fatos anunciados^{7,15,16}.

Acredita-se que as críticas são, com certeza, imprescindíveis para que a população seja esclarecida sobre o contexto em que vive. A mídia deve sempre cumprir com seu papel de enunciadora da verdade, denunciando a corrupção e os deszelos que permeiam a sociedade atual, no intuito de que as falhas e os defeitos sejam corrigidos e atualizados. No âmbito da saúde pública não poderia ser diferente. Contudo, é substancial que os meios de comunicação também forneçam críticas construtivas a respeito do SUS para que a população reveja seus conceitos, muitas vezes pré-estabelecidos, sobre a qualidade destes serviços. Apenas quando os atores sociais, políticos e a mídia

estiverem unidos pela luta em defesa do SUS, talvez este possa construir outra imagem enquanto política pública de saúde que versa pela universalidade, integralidade e equidade.

CONCLUSÃO

Mediante os resultados expostos, observa-se que a mídia detém o poder de moldar com suas matérias, a visão dos telespectadores sobre determinados assuntos. Apesar da idealização prévia sobre uma possível influência da mídia sobre a opinião da população, os achados demonstram que esta influencia é concreta e se estende a todas as classes e níveis socioeconômicos. A credibilidade depositada nos meios de comunicação contribui para que os informes veiculados sejam tomados como uma representação global. Com relação à saúde pública e ao SUS, as imagens passadas pelos meios comunicativos incitam a críticas pessimistas frequentes e isso, não obstante, compromete a efetivação do sistema enquanto esfera de participação social.

REFERÊNCIAS

1. Ohara ECC, Saito RXS. Saúde da Família: considerações teóricas e aplicabilidade. São Paulo: Martinari; 2008.
2. Sarlet IW, Figueiredo MF. Algumas considerações sobre o direito fundamental à proteção e promoção da saúde aos 20 anos da Constituição Federal de 1988. *Revista de Direito do Consumidor*, 2008;(67):125-172.
3. Soares LG, Trincaus MR. Participação e Controle Social: uma revisão bibliográfica dos avanços e desafios vivenciados pelos Conselhos de Saúde. *Rev. Eletr. Lato Sensu.*, 2007;2(1):245-264.
4. Ministério da Saúde (Brasil). Conselho Nacional de Saúde. O Desenvolvimento do Sistema Único de Saúde: avanços, desafios e reafirmação dos seus princípios e diretrizes. 1 ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2003.
5. Menicucci TMG. O Sistema Único de Saúde, 20 anos: balanços e perspectivas. Rio de Janeiro: Cad. de Saúde Pública, 2009;25(7):1625.
6. Lucchese R, Vera I, Pereira WR. As políticas públicas de saúde - SUS - como referência para o processo ensino-aprendizagem do enfermeiro. *Rev. Eletr. Enf.*, 2010;12(3):562-6.
7. Oliveira VC. A comunicação midiática e o Sistema Único de Saúde. *Rev. Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 2000;4(7):71-80.
8. Santos A. Caderno mídia e saúde pública. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/FUNED, 2006.
9. Rios DR. Minidicionário escolar da língua portuguesa. 1 ed. São Paulo: DCL; 2010.
10. Silva CP, Ruótulo ACF. A Influência da Mídia na Opinião do Indivíduo: Verdade ou Especulação? Universidade de São Paulo. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Vitória, ES, 2010.
11. Carvalho JAM, Rodríguez-Wong LL. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública, 2008;24(3):597-605.
12. Budó MD. Mídia e crime: a contribuição do jornalismo para a legitimação do sistema penal. Santa Catarina: UNirevista, 2006;1(3):1-14.
13. Martins G. Influência da comunicação social na opinião pública. Instituto Politécnico de Tomar. Departamento de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores. Escola Superior de Tecnologia de Tomar - Ética, Comunicação e Sociedade [Internet]. 2007. [cited 2010 ago 12]. p. 1-13. Disponível em: http://alumni.ipt.pt/~goncalom/ECSopiniao_publica.pdf

14. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Secretários de Saúde. SUS: avanços e desafios. Brasília: CONASS; 2006.
15. Razuk MES. Idéias, debates, mídia e opinião pública: uma análise das dinâmicas de interação entre atores estatais e não-estatais nas disputas acerca das patentes terapêuticas. Universidade de São Paulo. Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Departamento de Ciência Política. Programa de Pós-graduação em Ciência Política, 2008.
16. Ministério da Saúde (Brasil). O desafio da comunicação em saúde. A democratização da informação para o controle do câncer. Brasília: Ministério da Saúde/Rede Câncer, 2008.

Correspondência

Janaína Chiara Oliveira Moraes
Rua Fausto Rolim, 156; Bairro: Capoeiras
Cajazeiras – Paraíba - Brasil; CEP: 58900-000
email: janainechiara@hotmail.com
